



(CONTRA)ATAQUES IDENTITÁRIOS ENTRE DIREITA E ESQUERDA: ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DE MEMES NO *INSTAGRAM*

Eveline Coelho Cardoso (UERJ / GPS LeiFEn UFF)
E-mail: cardoso.eveline@uerj.br

Rafael Guimarães Nogueira (IFRJ / GPS LeiFEn UFF)
E-mail: rafael.nogueira@ifrj.edu.br

Resumo: Este artigo consiste na investigação de imagens da direita e da esquerda política do Brasil construídas em memes no Instagram. Pela análise semiolinguística das formas (verbo)visuais que compõem os quatro memes selecionados como corpus, pesquisa-se de que maneira cada grupo político confere, para seu opositor, traços identitários negativos e, paralelamente, constrói, para si mesmo, uma imagem positiva. Portanto, o objetivo central deste trabalho é identificar imagens discursivas da direita e da esquerda brasileira, descrevendo as estratégias de persuasão e de sedução de que se serviu, pela via do humor, cada polo político.

Palavras-chave: *semiologia; identidades discursivas; matrizes político-ideológicas; direita; esquerda; memes.*

Abstract: This paper consists of an investigation of images from the political right and left Brazilian wings constructed in memes on Instagram. Through Semiolinguistics analysis of the verbal-visual forms that make up the four memes selected as corpus, we research how each political group confers negative identity traits on its opponent and, in parallel, constructs a positive image for itself. Therefore, the main goal of this paper is to identify discursive images from the Brazilian right and left wings, describing the strategies of persuasion and seduction that each political pole used through humor.

Keywords: *Semiolinguistics; discursive identities; political-ideological matrices; right-wing; left-wing; memes.*

INTRODUÇÃO

Pressupondo que a democracia exige o diálogo entre discursos antagônicos, as redes sociais – de amplo acesso e expressivo engajamento – representariam, idealmente, espaços virtuais produtivos para o debate político e o exercício da cidadania. Especialmente no Brasil, no entanto, os conteúdos (re)produzidos em redes refletem a cisão político-ideológica do país e, por isso, visam, muitas vezes, a apenas atingir, negativamente, potenciais inimigos. Nesse cenário de conflito, palavras e imagens configuram-se como armas, apontadas àqueles cujo posicionamento, tomado como ameaça, deve ser aniquilado. Em consequência disso, a argumentação enclausura-se na troca de insultos, o que extermina o debate democrático.

Nesse sentido, este artigo consiste na investigação de imagens da direita e da esquerda política do Brasil construídas em memes no *Instagram*. Pela análise semiolinguística das formas verbo-visuais que compõem os quatro memes selecionados como *corpus*, pesquisa-se de que maneira cada grupo político confere, para seu opositor, traços identitários negativos e, paralelamente, constrói, para si mesmo, uma imagem positiva. Portanto, o objetivo central deste trabalho é identificar imagens discursivas da direita e da esquerda brasileira, descrevendo as estratégias de persuasão e de sedução de que, pela via do humor inerente ao gênero discursivo em questão, serviu-se cada polo político.

Para tal, elegeu-se, como principal embasamento teórico, a Teoria Semiolinguística, uma vez que essa vertente de Análise do Discurso abarca todo o ato de linguagem, permitindo relacionar a materialidade de uso da(s) linguagem(s) a dados socio-histórico-interacionais. Nessa perspectiva, a investigação semiolinguística consiste, sumariamente, na construção de hipóteses acerca da significação que usos languageiros podem suscitar com vistas à concretização do projeto de influência de seu produtor.

Quanto às motivações para este trabalho, destacam-se as justificativas para a escolha não só do gênero *meme*, que se caracteriza, em linhas gerais, pela replicação/reprodução de informações, como também do objeto central de análise, que se revela um importante fenômeno da atualidade. Assim, em primeiro, salientam-se indicadores das potencialidades meméticas do Brasil, sublinhando seus amplos índices de tempo de acesso à Internet e de usuários inscritos em redes sociais – fatores que, somados ao baixo custo de (re)produção de memes, tornam o país uma potência global de criação de textos meméticos. Em segundo, explicitam-se traços da dinâmica digital: construídos com um excesso de estímulos sensoriais e um controle (quase) absoluto de algoritmos, os memes não só reforçam as fronteiras entre grupos político-ideológicos, como ainda podem condicionar suas formas de interpretação e de expressão. Em terceiro, por seu teor humorístico, tais textos podem tornar mais

acessíveis à grande massa os debates públicos, constituindo-se, a um só tempo, como forma de entretenimento e de informação.

Dessa forma, analisar, em memes de Internet, as imagens da direita e da esquerda brasileiras é uma maneira de pôr em evidência como, no embate político, tais identidades consolidam valores e crenças subjacentes aos textos que as veiculam. A partir desse estudo interdisciplinar de base semiolinguística, espera-se, portanto, descortinar a inscrição desse movimento no discurso e seus efeitos possíveis de sentido, com foco na tematização da incoerência na defesa/crítica de fatos políticos atuais e da representação da masculinidade, sob as lentes de valores como a *pátria* e a *família*, próprios da matriz ideológica de direita, ou a *igualdade*, reconhecidamente de esquerda.

PRESSUPOSTOS SEMIOLINGUÍSTICOS

Na investigação científica de como o sujeito, sob restrições situacionais, manipula, estrategicamente, diferentes formas semióticas objetivando atingir, afetiva e/ou intelectualmente, seu destinatário ideal, destaca-se, no rol dos basilares conceitos semiolinguísticos, o processo de *semiotização do mundo*, a significação do mundo a partir de diferentes semioses, que se realiza, segundo Charaudeau (2005), por um duplo processo: a *transformação* e a *transação*. De um lado, o processo de transformação consiste na conversão de um “mundo a significar” em um “mundo significado”, compreendendo, para isso, quatro operações: i) a identificação: a nomeação dos elementos do mundo, realizada, principalmente, pelo uso de substantivos e/ou de formas figurativas; ii) a qualificação: a atribuição de características às identidades nominais, por meio, em geral, de substantivos e de expressões adjetivas e adverbiais e/ou de traços constitutivos de elementos imagéticos; iii) a ação: a inserção das identidades descritivas em esquemas narrativos, conferindo-lhes razão de ser; e iv) a causação: a construção de relações de causalidade entre as ações de que participam as identidades narrativas. De outro lado, o processo de transação diz respeito à interação dos sujeitos, que é regida por quatro princípios: i) a alteridade: o reconhecimento dos parceiros da troca languageira, em suas semelhanças e diferenças; ii) a pertinência: a adequação do projeto de fala ao contexto sociodiscursivo e aos objetivos dos interlocutores; iii) a influência: a adesão do enunciatário ao projeto de fala do enunciador; e iv) a regulação: a utilização de estratégias para garantir o sucesso da comunicação.

Como exemplificação, apresenta-se, a seguir, breve análise de dois memes acerca de Elon Musk, o homem mais rico do mundo e dono da plataforma X (antigo *Twitter*), acusado por incitação ao crime, como a criação de milícias digitais que estariam promovendo ataques às instituições brasileiras.

Figura 1. Meme “Liberdade tóxica”¹



Fonte²: Esquerda pensante

Figura 2. Meme “O esmagador de ovos”



Fonte³: Martelo da direita

O primeiro meme é constituído pela associação de enunciados antitéticos a diferentes representações visuais da atividade cerebral. Desta forma, cria-se uma gradação na qual, em um polo, a defesa da absoluta “liberdade de expressão” representaria um discurso menos inteligente, proferido por sujeitos cognitivamente limitados. No outro polo, a nomeação de “Elon Musk” e sua qualificação como “um macho tóxico vagabundo que não resolveu seus traumas de infância” representariam um discurso extraordinário, uma iluminada revelação. Paralelamente, a partir de inferências interdiscursivas (saberes de conhecimento e de crença evocados pelos dois enunciados anteriores), pode-se inserir esse objeto de discurso em um esquema narrativo (Elon Musk não respeitou o debate político e a Constituição brasileira) e em uma lógica de causalidade (porque tem interesses financeiros e políticos).

Considerando o processo de transação, as escolhas linguísticas e imagéticas que compõem essa imagem negativa de Elon Musk não são aleatórias ou neutras, mas determinadas pelas identidades dos sujeitos languageiros. Se o primeiro meme se destinaria, primordialmente, àqueles que defenderiam a diminuição da desigualdade social promovida, em grande parte, por empresas multinacionais, o segundo meme, ao contrário, teria como público-alvo ideal defensores da não intervenção do Estado na regulação e na promoção de direitos, como a liberdade de expressão. Dessa forma, o mesmo elemento do mundo é, no segundo texto, representado com atributos positivos: sua identificação é expressa pela fotografia de seu rosto; sua qualificação denota força e virilidade (pela constituição e postura de um

¹ Para tornar mais simples a identificação dos memes, bem como da interpretação construída, neste artigo, para esses textos, optou-se por atribuir-lhes título.

² perfil @esquerdapensante do Instagram. Acesso em: 10 de maio de 2024.

³ perfil @martelo.da.direita do Instagram. Acesso em: 10 de maio de 2024.

corpo musculoso), bem como patriotismo (pelos símbolos nacionais presentes na blusa que traja); sua ação é, portanto, quebrar o(s) ovo(s), isto é, metaforicamente, sobrepujar o ministro Alexandre de Moraes – apelidado de “cabeça de ovo” pelo deputado Daniel Silveira (PTB-RJ) –, como ainda garantir a liberdade do Brasil, sugerida pela semelhança entre a casca do ovo quebrado e os limites geográficos do país. Assim, a causação estabelecer-se-ia pela relação entre a quebra de ovos (o ataque a Moraes) e sua motivação (a defesa da liberdade de expressão e dos ideais patrióticos da direita).

Constata-se, assim, que os dois perfis – ao selecionarem um assunto que julgam pertinente para ser exposto na arena midiática das redes sociais, conferirem significação a esse elemento do mundo (Elon Musk) e/ou a esse fato bruto (o embate judicial frente a justiça brasileira) e manipularem expressões (verbo)visuais com vistas à intercompreensão mínima do enunciado – mobilizam valores compartilhados com seu destinatário ideal, tentando captá-lo, ao mesmo tempo em que confrontam seus oponentes políticos e reforçam os traços característicos de sua própria subjetividade. A fim de se observar como um elemento da realidade é semiotizado segundo a intencionalidade do enunciador e da imagem que constrói para o seu enunciatário, aborda-se, a seguir, a questão das *identidades sociodiscursivas*.

Concebendo o *ato de linguagem* como uma encenação em que os sujeitos, dialogicamente, constroem-se e são construídos pela linguagem, Charaudeau (2009) propõe uma ampliação do modelo estruturalista de comunicação, diferenciando dois circuitos de produção do saber. Por um lado, o espaço externo da situação de comunicação engloba os seres agentes: o sujeito comunicante (EUc) e o sujeito interpretante (TUi). Por outro lado, o espaço interno da situação de comunicação reúne os protagonistas da enunciação: o sujeito enunciador (EUe) e o sujeito destinatário (TUD). Nessa perspectiva, as imagens discursivas do EU e do TU resultam “da combinação de atributos de sua identidade social [enquanto ser biológico e psicossocial – EUc e TUi] com traços construídos por seus atos de linguagem [enquanto ser de fala – EUe e TUD]” (Charaudeau, 2006, p. 342).

Quanto à constituição da identidade social, cumpre salientar que os papéis exercidos em determinado grupo ou espaço institucional permitem, pelo princípio da alteridade, que se tome consciência da existência. A identidade social, construída e instaurada pelo outro, funda a *legitimidade* do sujeito, seu direito à palavra e sua forma de manipulá-la (Charaudeau, 2006). Segundo normas institucionais, determina-se quem está autorizado a tomar a palavra, seja por meio da atribuição de prêmios ou de títulos honoríficos, por sua expertise, por sua filiação, por seu engajamento pessoal ou por suas experiências. Tal identidade é, portanto, anterior ao ato linguageiro, podendo, nele, ser reconstruída, mascarada ou deslocada.

Se a identidade social do sujeito, assim como sua legitimidade, depende de um acordo anterior à troca linguageira, a identidade discursiva, por sua vez, é construída pelo sujeito enunciador, segundo a maneira como, no discurso, revela-se (ou mascara-se) ao TU interpretante. No confronto entre as intenções do enunciador e as expectativas do enunciatário, evocam-se estratégias de *credibilidade* – pelas atitudes discursivas de neutralidade, de distanciamento e/ou de engajamento – e de *captação*, a persuasão (fazer-pensar, recorrendo à razão) e/ou a sedução (fazer-sentir, recorrendo à emoção) – pelas atitudes de polêmica, de sedução e/ou de dramatização (Charaudeau, 2006).

Com base em tais conceitos, é possível afirmar que, nos dois perfis destacados, as identidades do EU enunciador são forjadas, sobretudo, por suas submissão a um contrato comunicativo específico, determinado por restrições particulares das mídias digitais, e por sua inserção em um polo político: em sua autodescrição, @*esquerdapensante* afirma estar “[l]evando a informação até você!” [grifo nosso], sugerindo ter como missão a apresentação da verdade; o segundo perfil, por seu turno, afirma estar “martelando a esquerda diariamente”, sublinhando seu empenho em combater os ideais “esquerdistas”. Dessa forma, cada perfil projeta como leitor ideal um TU destinatário que compartilhe sua perspectiva político-ideológica, podendo, sob o controle dos algoritmos, ser este outros tantos para além de seus milhares de seguidores.

Tanto a identidade do EU comunicante quanto a do TU interpretante são pouco transparentes, pois não se pode precisar quem, de fato, (re)produziu um meme e/ou quem gerencia cada perfil, tampouco quem, concretamente, irá ler o texto memético: os dois perfis não apresentam, em suas autodescrições, seus reais autores/usuários, podendo ser estes uma instância compósita (um grupo de pessoas); paralelamente, os seus reais leitores podem não coincidir com a imagem do TU destinatário, construída pelo EU comunicante.

A legitimidade dos perfis é instaurada por normas institucionais e, ao mesmo tempo, por um engajamento pessoal. Isso porque, antes de tudo, conforme apregoa o art. 19º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, “todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir [...] informações e ideias por qualquer meio de expressão”⁴. Sob essa perspectiva, as redes sociais seriam, teoricamente, um espaço democrático para a expressão/refutação de posicionamentos políticos, possibilitando, inclusive, uma participação mais ampla de toda a sociedade. Correlativamente, o próprio engajamento – na política (pelo evidente posicionamento) e no *Instagram* (pelo expressivo número de seguidores) – licencia cada perfil a tomar a palavra.

⁴ Acesso à Declaração Universal dos Direitos Humanos: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

Por fim, a credibilidade do enunciador de memes políticos é construída, em primeiro, por uma atitude de engajamento, haja vista a explicitação de um ponto de vista político, e, em paralelo, pelas atitudes – não excludentes – de polêmica, de dramatização e de sedução. A propósito disso, talvez se pudesse considerar que, no primeiro meme, predominaria a polêmica (dada a pressuposição de que “redes sociais não são terra sem lei”⁵), ao passo que, no segundo, predominaria a sedução (dada a manipulação de imaginários sociais de força/masculinidade/poder e de fragilidade/impotência referentes, respectivamente, a Elon Musk e a Alexandre Moraes).

A relação entre estratégias e visadas – intenções pragmáticas do enunciador – constrói uma identidade discursiva própria aos sujeitos, à medida que estes podem escolher se colocar em acordo ou em desacordo com as restrições do contrato comunicativo em questão ao sabor de seu projeto de fala. O ato linguageiro pode, nesse sentido, ser compreendido como uma aposta, um jogo de máscaras identitárias, no qual o EU comunicante busca se aproximar da imagem que constrói para seu público-destinatário, utilizando, para isso, diferentes recursos verbo-visuais e apoiando-se em diferentes imaginários discursivos. Assim, na seção a seguir, descrevem-se, segundo Charaudeau (2008; 2016; 2022), traços característicos das duas grandes tendências políticas vigentes em todo o mundo – direita e esquerda –, a fim de contemplar sua manifestação no *corpus* selecionado nesta pesquisa.

MATRIZES IDEOLÓGICAS DE DIREITA E DE ESQUERDA

O processo intersubjetivo de reconhecimento e legitimação identitária, como destacado acima, realiza-se pela aceitação de uma semelhança entre os parceiros, uma vez que devem partilhar saberes que se constituirão em universos de referência para a troca comunicativa, mas também se efetiva pelo reconhecimento de uma dessemelhança, tendo em vista que ambos, enunciador e destinatário, devem reconhecer, no outro, um papel enunciativo diferente do seu. Nesse sentido, conforme Silva (2000), uma definição de identidade como “aquilo que se é” depende intrinsecamente de uma cadeia de negações de outras identidades, de tal forma que identidade e diferença se tornam noções dependentes e inseparáveis, produzidas como criações sociais e culturais.

No contexto do discurso político e midiático, o reconhecimento de traços identitários e diferenciais é fundamental, uma vez que fazer política, tradicionalmente, pressupõe dominar a arte de se dirigir a grandes grupos de indivíduos a fim de, por meio do apelo a valores comuns, criar uma “opinião média”. Com efeito, para que o discurso político atinja diferentes grupos, deve indagar quais

⁵Trecho extraído da Band Jornalismo. Acesso Uol: <https://www.band.uol.com.br/noticias/moraes-x-musk-redes-sociais-nao-sao-terra-sem-lei-dizem-ministros-16680043>.

imaginários são característicos deles e tentar conectá-los, o que facilmente pode gerar contradições devido à impossibilidade de harmonia plena entre vários traços desses imaginários. No caso de uma sociedade polarizada como a brasileira, o movimento contrário parece ser, inclusive, “lucrativo”: manter bem separados os traços característicos de diferentes grupos sociais fomenta a disputa política e a radicalização e favorece a exploração da polêmica, a fim de atingir, mais diretamente, o terceiro – o público eleitor.

Por outro lado, segundo Charaudeau (2008, p. 250), nos regimes democráticos, o discurso político resulta de encontros e tensões entre o olhar de influência da instância política (a quem é delegada a ação política) e o olhar de reivindicação da instância cidadã (que escolhe os representantes). Dada a assimetria de intenções entre essas instâncias, “analisar o discurso político não consiste, portanto, em interessar-se somente pelo que é fabricado por atores que têm responsabilidade na vida política; é preciso igualmente olhar o que é fabricado pela opinião pública” (Charaudeau, 2008, p. 251), produção que, segundo o analista, é, ao mesmo tempo, atravessada por uma *essencialização*, que explora a conversão de uma opinião relativa em opinião coletiva absoluta, em nome de uma razão identitária; e por uma *fragmentação*, decorrente da manifestação de múltiplas, até superpostas, opiniões coletivas em conflito. Isto posto, o teórico fundador da semiolinguística prefere tratar de *opiniões públicas*, no plural, uma vez que tal fenômeno oscila sempre entre opinião coletiva e relativa, incidindo diretamente sobre os sentidos em circulação na sociedade – potencialmente inscritos, por exemplo, na produção memética atual.

Para compreender as identidades e os imaginários entrelaçados no domínio discursivo político brasileiro, convém diferenciar três instâncias subjetivas, descritas por Charaudeau (2008). A chamada *sociedade civil* corresponde a um lugar de pura opinião, concentrado em exprimir seu ponto de vista sem exigir a persuasão do outro (“estar junto”). A *sociedade cidadã*, subconjunto da anterior, é caracterizada por um engajamento e pela consciência de ter uma função a desempenhar no curso da vida política, preocupando-se com a adesão do outro em discussões e debates para defender/esclarecer suas ideias (“viver junto”). Por fim, *os grupos militantes*, que fazem parte da sociedade cidadã, almejam a transformação de uma situação em nome de uma causa superior; sua opinião apoia-se em um duplo imaginário: *político* e de *protesto*, que corresponde a um “agir junto” e a um “dizer é fazer”, em nome de uma reivindicação que exige o engajamento do sujeito na ação. O militante é, então, aquele que “assume determinada identidade discursiva feita de paixão em função de suas declarações, de suas sentenças peremptórias a favor ou contra ideias ou pessoas, julgamentos performativos na medida em que [...] deve crer, como foi dito, que ‘dizer é fazer’” (Charaudeau, 2008, p. 272).

A figura contemporânea do militante, contudo, não é uma categoria uniforme. Charaudeau sinaliza, inclusive, mudanças em relação aos objetivos desse grupo e a seu modo de organização. No primeiro caso, os interesses mais atuais da militância têm se concentrado em causas menos nacionais e mais societárias (a exemplo de políticas ambientais e de saúde), bem como ganham contorno jurídico mais evidente, pressionando os políticos em relação a escândalos de corrupção, por exemplo. Quanto ao modo de organização da vida militante, tais grupos tradicionalmente eram mais próximos dos partidos e sindicatos vinculados à governança política, que os instrumentalizava. Hoje se constituem às margens desses atores, de forma menos espontânea e em situações de crise, o que se poderia reconhecer, por exemplo, nas manifestações de junho de 2013, no Brasil, que, motivadas pelo aumento no preço das passagens de ônibus, agregaram diversos grupos e se desdobraram em uma série de fatos políticos que culminaram no impeachment da então presidenta, Dilma Rousseff, em 2016.

Potencializadas pelas tecnologias digitais de comunicação e informação, novas formas de apelo e de ajuntamento também definem o perfil mais recente de grupos militantes, cujo efeito multiplicador da internet é um prato cheio para a produção de textos como memes e charges. Como afirma Charaudeau, em situações de posicionamento contra fatos da sociedade em geral, observam-se manifestações da sociedade civil, que se torna, naquele instante, sociedade cidadã. Já o ativismo militante é sempre exteriorizado de maneira tonitruante, opondo-se ao que está institucionalmente instalado e que goza, no sistema democrático, de certa legitimidade. Pode-se, pois, reconhecer essa intencionalidade típica do discurso político nos memes, uma vez que ensinam a construção de um sistema de pensamento favorável à construção de opiniões e de posicionamentos, promovem uma interação que, claramente, deseja influenciar e obter adesão/rejeição e, por fim, configuram-se como um comentário avaliativo da ação e/ou do próprio discurso político (Charaudeau, 2008).

Charaudeau pondera, ainda, que o reconhecimento de particularidades da massa de internautas que pode atuar na militância mais ou menos direta e de sua consciência cidadã permanece como questão para os analistas; não se sabe até que ponto esse grupo constitui um eco do militantismo virtual ou um protesto verdadeiramente significativo. Em todo caso, para entender melhor o comportamento desses grupos – mormente para os fins a que este trabalho se destina –, convém partir da distinção dos sistemas de crenças que caracterizam os posicionamentos de direita e esquerda, os quais se constituem em *matrizes ideológicas* dos discursos desses grupos e permitem explorar diferentes estratégias de manipulação, como a exaltação de valores comuns.

Tendo como ponto de partida a sociedade francesa de seu tempo, Charaudeau(2008) descreve a esquerda contemporânea não-extremista desvinculada da perspectiva histórica e utópica que, tradicionalmente, a teria definido, o que, segundo o autor, explicaria certo desencantamento da

militância. Novos temas, por outro lado, surgem e deslocam um imaginário de esquerda *quente* – da vontade revolucionária, do desejo de transformação, da pulsão combativa – para um imaginário mais *frio*, da submissão à gestão parcimoniosa das restrições econômicas e de uma nova razão de Estado (a do equilíbrio mundial). Quanto à direita, o autor aponta, igualmente, para um enfraquecimento e ausência de uma perspectiva histórica e mística relacionada a valores reconhecidamente tradicionais de seu pensamento, como o soberanismo, a autoridade e o individualismo, razão pela qual são pontos chave da apropriação de discursos extremistas. Temas novos, antes inesperados, também são mobilizados nesse contexto, como a redução das desigualdades sociais, a fim de se aproximar da parte da população contrária aos ideais de direita, mais numerosa na França. Assim, propõe-se, a seguir, no Quadro 1, uma pequena síntese dos principais traços que configuram esses dois grandes polos de pensamento político:

Quadro 1. Matrizes ideológicas de esquerda e direita

ESQUERDA	DIREITA
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Visão geral de mundo: o homem se impõe à natureza. ▪ Não se defende um estado de coisas, mas se procura fazê-lo evoluir. O homem deve reduzir as diferenças e lutar contra as relações de força impostas pela natureza. ▪ Valor único: IGUALDADE → Confere igual dignidade de ser, de identidade e de direitos a todo indivíduo. ▪ A ação revolucionária deriva desse valor único. Impõe-se, por meio de um contrapoder, a uma autoridade de origem divina ou profana, indicando-se a soberania popular. Derivam dessa lógica também o <i>antirracismo</i> e a <i>laicidade</i>. ▪ Divide-se entre duas forças identitárias antagônicas: homogeneização do grupo e abertura ao pluralismo, à diversidade. ▪ Espírito fundamentado sobre a solidariedade social e o compartilhamento do lucro, para o melhor equilíbrio entre as diferentes classes sociais. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Visão geral de mundo: a natureza se impõe ao homem. ▪ Propõe a ordem da natureza como princípio hierárquico para os valores definidos e sustenta o movimento de conservação do estado de coisas. A metáfora da árvore, nesse sentido, simboliza a ordem orgânica do mundo. ▪ Entende que a desigualdade é fruto de relações de força “naturais” entre os indivíduos, derivadas da dominação entre fortes e fracos; ▪ Valores: <ul style="list-style-type: none"> ✓ FAMÍLIA, origem do indivíduo. Princípio: grupo fabrica o indivíduo e não o contrário. ✓ TRABALHO, garantia de ordem hierárquica entre os membros da cadeia produtiva. ✓ PÁTRIA, essência fundadora da identidade, que justifica guerras de defesa e conquista contra ameaças exteriores. ▪ Como forma de pensamento, em geral, é autoritária e tem como horizonte a ordem e a defesa dos interesses particulares.

Fonte: Elaboração dos autores, com base em Charaudeau (2016; 2022).

Segundo Charaudeau (2008; 2016), as matrizes de direita e de esquerda são de natureza discursiva e constroem imaginários políticos diferentes, cruzando-se em um terceiro lugar: o *populismo*. O autor defende que todo discurso político, na democracia, é por definição demagógico, na medida em que procura sempre a aprovação do povo. Nesse sentido, partidos extremistas de direita e de esquerda, em sua atuação discursiva, procuram generalizar e multiplicar determinados aspectos do

dispositivo ideológico e identitário de suas bases, colocando sempre em evidência direta seus adversários. Segundo Charaudeau (2008, p. 253), enquanto partidos políticos clássicos tendem a atenuar as oposições, promovendo um discurso apoiado em um imaginário razoável, a fórmula recorrente para os grupos mais radicais e populistas é reclamar mais do que propor determinados valores e, ao mesmo tempo, denunciar o adversário como obstáculo a sua chegada ao poder⁶ ou como fonte de um mal que deve ser combatido, o que tem forte apelo identitário:

Não ter inimigo, para os membros de um grupo social, é privar-se de uma parte do que lhes permite construir sua identidade: a fonte do mal deixa de ter rosto, os valores simbólicos que devem constituir o cimento identitário do grupo cai na deliquescência. Os membros do grupo não mais encontram elo social, não mais acham marcas identitárias, nenhuma razão para agir. Ter um adversário é inverter todas essas proposições. (Charaudeau, 2008, p. 303)

Sabendo-se que “quanto mais a opinião é generalizada e partilhada por um grande número de indivíduos, maior é sua capacidade de atração e mais sua racionalização se torna sutil” (Charaudeau, 2008, p. 253), demonstra-se, a seguir, de que maneira determinados grupos de direita e esquerda exploram, em memes publicados nas redes sociais, os imaginários que sustentam sua base ideológica em defesa de sua identidade e, paralelamente, em oposição a seus adversários políticos.

MARTELO DA DIREITA X ESQUERDA PENSANTE: (CONTRA)ATAQUES IDENTITÁRIOS EM REDE(S)

Sem ignorar a complexidade na definição do gênero *meme* – amplamente discutida por Menezes (2021, p. 93-104), que, em um percurso cronológico, trata do termo *gene*, de Darwin, aos termos (*mi*)*meme*, de Dawkins, para, então, caracterizar os atuais memes de Internet e, em específico, os memes políticos –, concebe-se, conforme a pesquisadora (2021, p. 99-100), o meme político como um gênero digital que, emergindo pela imitação ou replicação de outro dito, pode, dentre outros critérios, ser definido por i) sua função de avaliar, pelo humor, um elemento da esfera política, ii) seu suporte material, os dispositivos e as plataformas em que é (re)produzido, iii) sua organização textual em diferentes semioses, servindo-se, especialmente, de fotografias e demais imagens figurativas, e iv) seus recursos linguísticos específicos, como as recorrentes construções metafóricas e paródicas.

Nessa perspectiva, consideram-se exemplares de memes políticos não apenas os de organização prototípica – tal como o Meme 1. “Liberdade tóxica” – em que há, conforme cunhou Costa (2017), um

⁶Vale lembrar que, na França, a extrema direita nunca ocupou o cargo máximo do poder executivo. No Brasil, isso aconteceu durante a gestão Bolsonaro (2019-2022).

evidente elemento *réplica*, uma configuração semiótica reproduzida/imitada (como a representação visual de níveis de atividade cognitiva), e um elemento *contextualizador* verbal ou imagético que lhe atualiza o sentido (como os enunciados atrelados a cada imagem em gradação). Contemplam-se, nesta pesquisa, também memes que – tal como o Meme 2. “O esmagador de ovos –, mesmo sem um elemento *réplica*, alinham-se aos quatro critérios listados acima, configurando-se, por sua possibilidade de reprodução de informações, como uma prática discursiva memética.

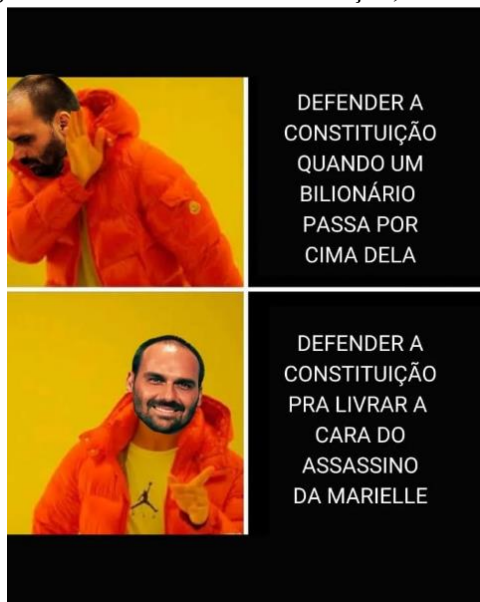
Na seleção dos textos a serem analisados neste trabalho, utilizou-se, em primeiro, a ferramenta de busca da rede *Instagram*, pesquisando, a partir das palavras-chave “direita” e “esquerda”, perfis digitais que representassem esses ideais políticos. Em seguida, verificou-se, pelo número de seguidores e de publicações, o engajamento em cada perfil, a fim de selecionar aqueles que motivariam mais interações. Desse modo, elegeram-se como produtivos estes dois perfis: *@esquerdapensante* (com 147 mil seguidores e mais de 13 mil publicações) e *@martelo.da.direita* (com 42 mil seguidores e mais de 1.500 publicações).

Para compor um *corpus* representativo e contrastivo (como orienta Charaudeau, 2005, p. 22) e, então, evidenciar os distintos posicionamentos subjacentes a cada texto, optou-se, na análise, por agrupar, em pares, os memes (um da esquerda e outro da direita) segundo dois embates políticos: defesas incoerentes e masculinidade forte (ou frágil), totalizando, portanto, quatro exemplares.

Quanto às etapas e às categorias de análise, elegeram-se as seguintes: i) breve contextualização sobre a tematização de cada par de memes, haja vista a possível distância temporal de alguns exemplares e, sobretudo, a importância dessas informações na interpretação dos textos; ii) identificação e interpretação dos elementos verbo-visuais que, constituintes do processo de transformação, representam, em cada texto, um fato e/ou um personagem da cena política brasileira; iii) identificação, em cada texto memético, de traços identitários da matriz ideológica da esquerda ou da direita política brasileira. A seguir, inicia-se, pois, a análise dos memes.

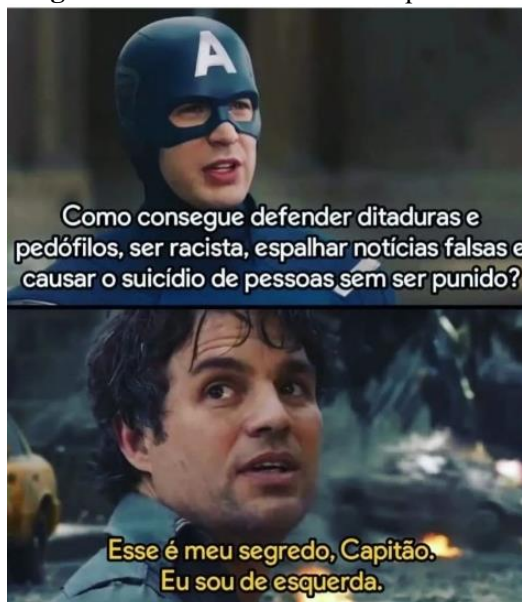
O embate sobre defesas incoerentes:

Figura 3. Meme “Uma Constituição, dois usos”



Fonte⁷: Esquerda pensante

Figura 4. Meme “A máscara esquerdista”



Fonte⁸: Martelo da direita

Se o principal critério na caracterização de um grupo ideológico é o que ele defende, ao se analisarem ataques identitários proferidos em memes políticos, um conteúdo proposicional recorrente é a crítica a defesas incoerentes, as quais, se evidenciadas, podem atingir a legitimidade do grupo que as sustenta. Assim, o 3º meme (“Uma Constituição, dois usos”) alude à utilização da Constituição Federal como argumento para a irrestrita liberdade de expressão e a prisão de deputados tão somente em flagrante de crime inafiançável⁹. O 4º meme (“A máscara esquerdista”) evoca (supostas) práticas desse grupo político, tal como o apoio às ditaduras de Maduro, na Venezuela, e de Daniel Ortega, na Nicarágua¹⁰.

Isso posto, observa-se que o meme (re)produzido pela Esquerda Pensante é constituído pela replicação de uma composição semiótica muito comum nas redes digitais: seus signos fotográficos consubstanciam um elemento *réplica* (o clipe de *HotlineBling*, do cantor Drake), que se atualiza pela associação a orações estruturadas a partir do verbo “defender” (podendo, em sua forma infinitiva, sugerir um “dever-fazer”). A significação das imagens fotográficas é ampliada pelo emprego destes procedimentos de conotação: a *trucagem*, um truque fotográfico realizado pela inserção do rosto de Eduardo Bolsonaro (deputado federal filiado ao Partido Social Liberal e admirador de Olavo de

⁷ perfil @esquerdapensante do Instagram. Acesso em: 10 de maio de 2024.

⁸ perfil @martelo.da.direita do Instagram. Acesso em: 10 de maio de 2024.

⁹ Cf. <https://www.cartacapital.com.br/politica/ccj-retoma-analise-da-ordem-de-prisao-do-deputado-suspeito-de-ser-o-mandante-da-morte-de-marielle/>.

¹⁰ Cf. <https://jovempan.com.br/noticias/mundo/conceito-de-democracia-e-relativo-diz-lula-sobre-ditadura-e-eleicoes-na-venezuela.html>.

Carvalho, teórico de extrema-direita) sobre o corpo de Drake; a *pose*, a evocar, pelo gesto e pela fisionomia, recusa no primeiro quadro e aprovação no segundo; e a *sintaxe*, a seleção e disposição das imagens no texto, configurando, nesse meme, uma oposição (Barthes, 1990).

A partir dessas estratégias imagéticas, o “03 de Bolsonaro” é identificado e qualificado no meme, ao mesmo tempo em que a associação entre as parcelas visual e verbal insere esse objeto de discurso em um universo narrativo: Eduardo Bolsonaro estaria avaliando negativa e positivamente cada uma das afirmações (ou mesmo se revelando como autor desses dizeres). Nesse sentido, o cotejo entre as atitudes de não defender a Constituição sob o ataque de um bilionário (como Elon Musk), mas utilizá-la na defesa de um assassino (no caso, o deputado federal Chiquinho Brazão, preso em março de 2024, acusado de ser um dos mandantes do assassinato da vereadora Marielle Franco, socióloga, ativista e vereadora do Partido Socialismo e Liberdade - RJ) revela a incoerência de Eduardo Bolsonaro e, metonimicamente, daqueles que se filiam às suas ideias e práticas.

Do ponto de vista ideológico, tal elaboração verbo-visual alinha-se, perfeitamente, ao imaginário de esquerda, em primeiro lugar por dar ênfase ao valor primordial da *igualdade* em favor de uma mulher negra, lésbica, detentora de um cargo político e assassinada no exercício de suas funções, na companhia de seu motorista, Anderson Gomes. A defesa de justiça por Marielle é, portanto, simbólica para o discurso progressista em muitas dimensões, dado que apregoa a recusa e o posicionamento contrário a toda forma de dominação e de discriminação naturalizada desde sempre pela sociedade. Além disso, no Meme 3, a figura de Marielle é contrastada com a do bilionário Elon Musk, qualificação igualmente importante por tematizar a desigualdade social e a defesa de interesses particulares dos possuidores de bens e privilégios, alvo direto da ação revolucionária esquerdista. Nesse sentido, o enunciador busca impor-se à natureza dada de um mundo desigual e fazer evoluir um estado de coisas, para que “o homem reduza as diferenças e lute contra as relações de força” (Charaudeau, 2016, p. 103), como o machismo, o racismo e a homofobia.

Em paralelo à defesa veemente da igualdade, o enunciador do Meme 3 também explora a exposição direta de seu adversário e, conseqüentemente, evidencia suas crenças e opiniões. Ao enfatizar o posicionamento omissivo e contraditório de uma das vozes mais representativas do discurso da direita brasileira diante do caso Marielle, o enunciador põe em xeque uma das diretrizes temáticas do adversário, que é a *pátria*, consubstanciada na Constituição como fundadora da identidade nacional. Assim, questiona-se e, de certa forma, denuncia-se, diante do público (e)leitor, por meio da relação causal estabelecida entre os signos verbais e visuais, a postura tida como hipócrita de Eduardo Bolsonaro e de seus correligionários, cuja suposta valorização ou completa ignorância da ordem

constitucional se dariam, exclusivamente, por razões pessoais e políticas e não por apreço às suas diretrizes.

Focalizando agora o meme (re)produzido pelo Martelo da Direita, que, igualmente se serve de uma réplica de obra cinematográfica, nota-se que é estruturado, em sua parcela visual, pela retomada de uma cena do filme *Os Vingadores* (de 2012): especificamente, o diálogo que, em um cenário de guerra, antecede à transformação de Bruce Banner em Hulk. No confronto entre os personagens do meme, sublinha-se que, se, de um lado, o Capitão América exige atributos como liderança, moderação e, sobretudo, fidelidade à nação, de outro, Banner vive uma crise identitária entre a racionalidade do cientista e a impulsividade e a destrutividade do Hulk. No plano imagético, tal oposição é reforçada, sobretudo, pela *sintaxe*, na disposição dos dois *frames* (recortes do filme), referentes a cada personagem.

No plano verbal, opera-se a atualização da réplica. Sob o modo *alocutivo* de organização do discurso, o primeiro enunciador implica o segundo, impondo-lhe o papel de interrogado e um *questionamento* que é, ao mesmo tempo, um pedido de informação (“Como consegue defender...?”) e de anuência (“Você defende ditaduras...?”). Assim, a pergunta feita pelo Capitão é, indiretamente, também um *juízo*, por meio do qual o enunciador não só atribui a si mesmo a autoridade moral daquele que pode sentenciar, como postula ser seu enunciatário o responsável pela ação descrita e, neste caso, reprovada. Sob o modo *elocutivo* de organização do discurso, o segundo enunciador implica a si mesmo no dizer, realizando uma *declaração*, um saber que, supostamente existindo em verdade, confirma os jugos que lhe foram destinados. Dessa maneira, a resposta apresentada por Bruce Banner é uma forma de *confissão*, uma vez que ele “escondia um saber que o colocaria em causa” e, então, “transmite esse saber ao interlocutor reconhecendo sua culpa” (Charaudeau, 2008, p. 98). Sob tal lógica, se, na saga cinematográfica, é a raiva o fator que provoca a transformação do personagem no devastador Hulk, no meme, este elemento é sua identificação como pertencente à esquerda política.

Tendo em vista as modalidades que estruturam o diálogo, talvez seja possível considerar que, não obstante os dois personagens serem aliados na referida saga ficcional, no Meme 4, o Capitão pode personificar a fala da direita política. Dessa maneira, a esquerda, em sua iminente transformação em um ser monstruoso, é identificada e qualificada como aquela que, além de realizar ações maléficas à nação, mascara sua essência destrutiva, para se disfarçar de “mocinho” (benfeitor), quando, em realidade, seria uma ameaça a ser combatida pelos heróis da direita.

A semiotização analisada corresponde, pois, à visão de mundo e à matriz ideológica da direita, cuja valorização da *ordem*, da *pátria* e da *família* favorece a defesa de uma postura submissa do homem a um movimento de conservação do estado das coisas. A exaltação identitária por parte do

enunciador, novamente, realiza-se pelo contraste direto com comportamentos associados à esquerda que feririam os princípios citados, a exemplo da suposta defesa de ditaduras, sistemas de governo que encarnam o inimigo exterior do comunismo e do socialismo, o qual precisaria ser eliminado a qualquer custo para a manutenção da pátria, elo orgânico e simbólico da identidade democrática e capitalista que se deseja preservar como algo natural. Da mesma forma, a menção à defesa de pedófilos faria possível referência deturpada a pautas relacionadas a gênero e à educação sexual nas unidades escolares, caras aos grupos progressistas. Ao qualificar tais posicionamentos de esquerda como passíveis de punição e como uma ameaça, o Meme 4 reforça os ideais identitários de seu grupo, que se coloca como solução legítima e capaz de promover uma sociedade íntegra e coerente.

O embate sobre a masculinidade forte (ou frágil):

Figura 5. Meme “Menos testo na política”



Fonte¹¹: Esquerda pensante

Figura 6. Meme “Seja homem (de direita!)”



Fonte¹²: Martelo da direita

Na leitura dos dois memes que compõem o par acima, um questionamento inicial seria acerca da relação entre atuar na política (da esfera pública) e ter testosterona/sentir-se homem (da esfera privada). Convém pontuar, pois, que a testosterona é um hormônio produzido, principalmente, por pessoas portadoras de órgãos sexuais masculinos e atua, segundo especialistas, no crescimento de pelos faciais e corporais, na modulação da voz, no aumento da massa muscular, na função erétil e na produção de esperma, o que explica a associação comum dessa substância orgânica com a

¹¹ perfil @esquerdapensante do Instagram. Acesso em: 10 de maio de 2024.

¹² perfil @martelo.da.direita do Instagram. Acesso em: 10 de maio de 2024.

masculinidade. Paralelamente, parece oportuno lembrar que a figura política deve corresponder à imagem do chefe idealizado pela instância cidadã, em seus valores e em suas emoções. Pode-se dizer que “[o] *ethos* político [a imagem que constrói de si mesmo] deve, portanto, mergulhar nos imaginários populares mais amplamente partilhados, uma vez que deve atingir o maior número, em nome de uma espécie de contrato de reconhecimento implícito.” (Charaudeau, 2008, p. 87). Em consequência disso, até mesmo imagens que não estão diretamente ligadas ao campo político, como, por exemplo, a de “virilidade” (daquele que é destemido), a de “sedutor” (que expõe sua vida/seu vigor sexual) ou a de “potência”/“força” (física), podem promover a adesão cidadã (Charaudeau, 2008, p. 88-89).

Nesse sentido, fundado na recusa do imaginário que associa a identidade masculina à sexualidade e à agressividade, o meme “Menos testo na política” representa o conflito entre um militante histérico (que, aos berros, busca defender a necessidade de se inserirem, na política, “mais homens com testosterona”) e um sereno interlocutor (que, placidamente, refuta tal afirmação, valendo-se de um contra-argumento por exemplificação: no recente cenário político, o país conseguiu “se livrar”, ou seja, libertar-se de figuras públicas preocupadas com suas imagens de virilidade e potência, em uma clara alusão à compra de milhares de comprimidos para disfunção erétil e de dezenas de próteses penianas feita pelo Exército brasileiro em 2022 e defendida pelo então presidente, Jair Bolsonaro¹³. Em lados (físicos e ideológicos) opostos, os personagens representados são qualificados visualmente, em especial, pela extensão de suas massas cerebrais, que, metonimicamente, apontam, em respectivo, menor e maior inteligência. Por meio desse signo imagético, portanto, a enunciadora do meme (@vek__tra) avalia, positivamente, o segundo personagem, com o qual seu TU destinatário é motivado a se identificar.

Em síntese, poder-se-ia dizer que, nesse texto memético, a esquerda pensante, em resistência à brutalidade e à masculinidade frágil, é identificada como racional, o que evoca a diretriz progressista da matriz do pensamento da esquerda, que propõe ao homem, por seu saber-fazer, superpor-se à suposta ordem natural das coisas (biológica e socialmente construída), expressa por relações de força não condizentes com o princípio básico da *igualdade* humana. Do outro lado dessa moeda, o projeto de fala construído no Meme 5 ataca, diretamente, os eixos do corpo de doutrina da direita política, para o qual “os seres não são iguais entre si, nada se pode fazer quanto a isso, é uma essência, uma marca da humanidade” (Charaudeau, 2016, p. 101). Na arena do discurso midiático e político, a estratégia empregada é, ainda uma vez, a captação ancorada na defesa dos valores de base do imaginário de esquerda, sustentando-se, pela representação de uma figura masculina lógica e ponderada, espelhada em modelos clássicos fundadores da democracia ateniense, a concepção igualitária dos indivíduos e a

¹³Cf. <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-volta-a-defender-compras-de-viagra-e-protese-penianas-para-o-exercito/>.

oposição veemente “ao exercício de uma autoridade que aproveite de sua posição de poder para submeter os indivíduos” (Charaudeau, 2016, p. 104).

Contrariamente, o meme “Seja homem (de direita!)” exalta um modelo masculino mais conservador, próprio do sistema de crenças tradicional. Isso porque, em sua parcela visual, o texto retoma a figura do caubói, que, desde, pelo menos, os anos 1970, pela importação da cinematografia norte-americana, tanto inspirou o comportamento dos homens brasileiros. Como procedimentos de conotação do signo fotográfico, destacam-se, dessa forma, além da altiva e austera *pose* do personagem, os *objetos* que sustenta: chapéu, sobretudo, distintivo e armas compõem a imagem do patrolheiro Cordell Walker, protagonista da série *Walker, Texas Ranger* (de 1993 a 2001), estrelada por Chuck Norris. Assim, se, por si só, o ator é, ainda hoje, considerado como símbolo de homem “durão” e vigoroso¹⁴, essa representação simbólica é ampliada ao se recuperar o fato de que, na série, seus golpes e tiros se contrapõem aos métodos científicos de seu parceiro no grupo de rangers do Texas – o que sugere a ênfase recair sobre a agressividade, em detrimento da racionalidade.

Em sua parcela verbal, o meme apresenta, inicialmente, uma enunciação que revela o ponto de vista interno ao sujeito falante: tratar-se-ia de uma *confissão* do locutor em relação à sua disforia de gênero, termo que designa o desconforto ou sofrimento causado por uma incongruência entre o sexo atribuído ao nascimento e a identidade de gênero. Paralelamente, a forma adverbial “também”, que, no contexto, pode ser considerada como um marcador de pressuposição (“não somente eu já me senti...”), implicaria o interlocutor, com quem se estaria compartilhando a não identificação com o sexo biológico. Haveria, desse modo, uma referência à “ideologia de gênero”, veementemente criticada (ou mesmo negada) pela direita política, como, por exemplo, nesta afirmação de Bolsonaro: “Não existe essa conversinha de ideologia de gênero. Isso é coisa do capeta.”¹⁵. O segundo enunciado do meme, no entanto, como uma estratégia humorística, realiza uma quebra de expectativa: se, em primeiro, sentir-se “um homem preso dentro do corpo de uma mulher” seria interpretado como uma expressão figurada/conotativa da transexualidade, a afirmação “Depois nasci”, junto à imagem do herói aguerrido, opera um reenquadre cognitivo, apontando para um sentido denotado: o confinamento físico à parte interna de um corpo feminino, concebido, pois, como um contêiner.

Dessa forma, no Meme 6, a articulação das formas verbais e imagéticas reforça a representação do ideal patriarcal e potente da figura masculina gestada no imaginário da direita, a qual se alinha tanto ao eixo temático da *ordem*, como uma alegoria do bem e da moral na luta contra às possíveis ameaças de reinterpretação/flexibilidade das identidades de gênero masculino e feminino pregadas por ativistas

¹⁴ Cf. <https://www.folhavoria.com.br/entretenimento/noticia/03/2024/aos-84-anos-ator-ainda-inspira-memes-chuck-norris-nao-faz-flexao-ele-empurra-o-planeta>.

¹⁵ Cf. <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-ideologia-de-genero-e-coisa-do-capeta.html>.

de esquerda, contrárias à realidade biológica natural; quanto ao eixo da *família*, entendida como berço e matriz do indivíduo, contrariamente ao que defende o imaginário de esquerda, para quem o indivíduo tem papel ativo na construção de estruturas sociais.

Convém notar, contudo, que a valorização familiar subjacente à peça em análise pressupõe uma qualificação positiva apenas do ideal masculino, expresso pelo homem livre (desde o nascimento) para se impor e dominar o mundo, o que, segundo Charaudeau (2016), reflete-se nos modelos de corpo social legitimados pela direita, a exemplo do político, centrado no rei e em seus súditos, e do religioso, orientado para o papa ou para os clérigos e seus os fiéis. Além disso, afirma-se uma única performance de gênero possível, ou seja, a que é coerente com a determinação biológica. Com efeito, a figura da mulher pressuposta nesse meme também legitima o predomínio da natureza sobre o homem e a manutenção de um estado de coisas, uma vez que é reduzida à objetividade de um corpo destinado à reprodução e desassociada da possível figura da mãe, que poderia ter conotação mais afetiva e, assim, pôr em xeque o ideal de masculinidade viril e impassível ao qual o enunciador deseja promover a adesão.

CONCLUSÕES

Na abertura da obra que dedica ao discurso político, Charaudeau toma como ponto de partida o entrelaçamento entre as identidades e sua(s) máscara(s), salientando que a constituição subjetiva nesse domínio discursivo – como em qualquer outra esfera de atividade humana – sempre se realiza em um jogo de ser e parecer mediado pela palavra, no qual “há sempre o que é dito e o que não o é, um não-dito que, entretanto, também se diz” (2008, Prólogo). Os memes eleitos como *corpus* deste estudo evidenciam, pois, de forma privilegiada, tal jogo identitário, revelando a complexidade do contrato comunicativo pactuado entre as instâncias política, adversária e cidadã em busca da promoção de pautas e teses caras a diferentes bases políticas, bem como da conquista do (e)leitorado. Paralelamente, tais textos meméticos permitem observar a atuação das mídias de informação como tática da militância, que, sendo parte da sociedade cidadã engajada em uma proposta de “dizer é fazer”, utiliza as redes sociais como tribuna para fazer ecoar suas manifestações e promover debates mais ou menos contraditórios e agitados.

Para que esse projeto de fala intencional dos enunciadores tenha sucesso, observou-se que os valores e as crenças que sustentam a matriz ideológica da esquerda e da direita compõem em todo o projeto de semiotização de mundo nos textos analisados e espelham, diretamente, valores, imaginários e identidades em conflito, marcados, em especial, pela estratégia dos ataques *ad hominem*. Dessa

forma, uma vez que prima pela imitação de imagens e ditos com a intenção de avaliar e provocar humor, ensejando representações metafóricas e paródicas de intertextos amplamente conhecidos de uma comunidade, o gênero *meme* reúne condições para o fazer simples – ideal à discussão política que, cada vez mais, ganha espaço no mundo conectado às tecnologias, em oposição à famosa argumentação mais pesada, complexa ou sutil do discurso político tradicional, que corre o risco (real e concreto muitas vezes) de não ser compreendida pela massa dos cidadãos (Charaudeau, 2008, p. 93).

Com efeito, ao tematizar a incoerência na defesa ou crítica de acontecimentos da atualidade brasileira e a representação da masculinidade, o corpus em estudo exemplificou a tentativa memética de redução da complexidade do mundo a uma expressão mais simples, ancorada em procedimentos de essencialização (condensação de ideias) e desqualificação do adversário (ou sua qualificação como “mal”), ao mesmo tempo em que ambos os polos – direita e esquerda – colocam-se como instrumento para o bem comum da nação. Exploram-se, nesse sentido, as grandes referências identitárias que criam o vínculo social da direita – a *pátria*, a *família*, a *nação* – e da esquerda – a *igualdade* e o *progresso* – como arma e, ao mesmo tempo, como escudo na intenção de conquistar a opinião pública. Trata-se, como propõe Charaudeau (2016, p. 114), de uma questão de manipulação discursiva, antes de tudo, e de disputa por um capital ideológico, uma vez que “[e]xaltar o sentimento identitário é lembrar que o pertencimento é, ao mesmo tempo, uma natureza dada por filiação e um ato de reconhecimento voluntário”.

REFERÊNCIAS

Barthes, R. (1990). *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Tradução Léa Novaes. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Charaudeau, P. (2005). Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: Pauliukonis, M.; Gavazzi, S. (org.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna (pp. 11-29).

Charaudeau, P. (2006). Identitésociale et identitédiscursive, lefondement de lacompèencecommunicationelle. *Gragoatá*, Niterói, n. 21, pp. 339-354.

Charaudeau, P. (2008). *Discurso político*. Tradução Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto.

Charaudeau, P. (2009). *Linguagem e discurso: modos de organização*. Coordenação da equipe de tradução Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto.

Charaudeau, P. (2016). *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*. São Paulo: Contexto.

Charaudeau, P. (2022). Do discurso político ao discurso populista. O populismo é de direita ou de esquerda? *Calidoscópio*, 20(1), pp. 351-363.

Costa, W. (2017). Um estudo da relação entre referencialização e gênero textual. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, pp. 127-141.

Menezes, T. (2021). *Parece piada, mas não é*: análise cartográfica dos discursos em memes políticos na cena política brasileira. Tese (Doutorado em Estudos de Língua) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Silva, T. (2000). A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, T. (org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes (pp. 73-102).